

**O PET NA ESCOLA:
UM ROTEIRO DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DESENVOLVIDO NO
ÂMBITO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL NO MUNICÍPIO DE SÃO
RAIMUNDO NONATO-PI**

*Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho¹
Rodrigo Lessa Costa²
Márcia de Santana Castro³*

RESUMO

Este artigo apresenta o desenvolvimento e aplicação de um roteiro de educação patrimonial numa escola da rede pública de São Raimundo Nonato-PI. As atividades tiveram um cunho interventivo, utilizando-se de ferramentas pedagógicas com as quais foram apresentadas temáticas pertinentes ao patrimônio arqueológico e cultural da região. Questionários consultivos avaliaram o processo e quais ferramentas foram mais eficazes. Observou-se um maior interesse pelas atividades lúdicas, porém, para alcançar o aprofundamento esperado, avaliou-se que as demais, com caráter explicativo, também tiveram um papel relevante. De modo geral, buscou-se construir um projeto socialmente responsável, que promovesse a sensibilização do público abarcado para com o patrimônio arqueológico regional.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Patrimonial; Rede municipal de ensino de São Raimundo Nonato – PI; Serra da Capivara; PET-Arqueologia; PET na Escola.

ABSTRACT

This paper presents development and application of a heritage education plan in a public school located in São Raimundo Nonato-PI. Activities had an interventional nature, using pedagogical tools in which subjects related to regional heritage were presented. Inquiring quizzes evaluated all the process and which tools were more efficient. Audience were more interested in ludic activities, but to achieve the knowledge we hope to, we consider the other ones had also been important. We looked to build a socially responsible Project that would promote sensibilization on regional archaeological heritage on the audience who attended to.

KEYWORDS: Heritage education; São Raimundo Nonato public teaching system; Serra da Capivara; PET-Arqueologia; PET na Escola.

RESUMEN

¹ Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

² Docente do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque/UNIVASF).

³ Mestranda em Arqueologia do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque/UNIVASF).

Este artículo presenta el desarrollo y la aplicación de un guión de educación patrimonial en una escuela pública en São Raimundo Nonato-PI. Las actividades tuvieron un carácter intervencionista, utilizando herramientas pedagógicas con las que se presentaron temas relacionados con el patrimonio arqueológico y cultural de la región. Los cuestionarios consultivos evaluaron el proceso y qué herramientas fueron más efectivas. Hubo un mayor interés en las actividades recreativas, sin embargo, para alcanzar la profundidad esperada, se evaluó que las demás, con un carácter explicativo, también desempeñaban un papel relevante. En general, el objetivo era construir un proyecto socialmente responsable que sensibilizara al público cubierto por el patrimonio arqueológico regional.

PALABRAS-CLAVE: educación patrimonial; red de enseñanza municipal de São Raimundo Nonato; Serra da Capivara; PET na Escola.

INTRODUÇÃO

Segundo González-Ruibal (2015) a arqueologia não pode mais continuar existindo sem uma projeção social. Nesse contexto, coloca-se em evidência a necessidade de romper a bolha do mundo acadêmico, desenvolvendo-se projetos de educação patrimonial que apresentem as potencialidades e produtos das pesquisas arqueológicas, possibilitando a sua apropriação pelos diferentes grupos sociais.

A educação patrimonial tem potencial para remediar a ausência de projetos arqueológicos socialmente engajados que buscam a inserção das comunidades nas suas várias etapas, desde a concepção do projeto, passando por prospecção, escavação, curadoria, manejo e conservação dos acervos, até a sua interpretação e extroversão (BEZERRA, 2003), este modelo, porém, é relativamente recente e parcialmente adotado. Em contextos onde ele não foi aplicado ou seu raio de atuação foi limitado, ações de educação patrimonial podem ser relevantes, discutindo-se, ainda que a posteriori, com as populações envolvidas, os aspectos relacionados ao patrimônio arqueológico.

Durante os últimos 40 anos, foram concebidas e executadas importantes tentativas de se desenvolver uma arqueologia socialmente engajada no Sudeste do Piauí, mais precisamente na área arqueológica da Serra da Capivara. Contudo, os inúmeros conflitos e a falta de investimento impossibilitaram a continuação de projetos como o Pró-Arte

Fumdam⁴ e os Núcleos de Apoio a Comunidade (NACs)⁵ no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara.

Atualmente, projetos de extensão que compreendem divulgação científica, comunicação, sensibilização de comunidades com relação ao patrimônio arqueológico, museologia comunitária e educação patrimonial, entre outras perspectivas que de alguma forma envolvem a pesquisa arqueológica, são promovidos pelos docentes e discentes do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial e pelo escritório técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de São Raimundo Nonato Piauí. Para o primeiro caso, ressalta-se o projeto “PET na Escola”, desenvolvido no âmbito do Programa de Educação Tutorial⁶ (PET-Arqueologia)⁷, cujos resultados são aqui apresentados; e no segundo, o projeto Casa do Patrimônio Serra da Capivara⁸. Ambos são voltados para o desenvolvimento de ações de educação patrimonial norteadas por uma perspectiva política, ética e social, que buscam, além da preservação do patrimônio local, a promoção e o

⁴ Criado nos anos 2000, “proporcionava atividades de Arte-Educação e reforço escolar para as crianças de 6 a 12 anos; um coral, uma banda e um grupo de teatro com os jovens e aulas de artes visuais, capoeira e instrumentos musicais para os adolescentes. Nesse espaço, havia um Cine Clube, conhecido como Cine Art7, gerido pelos jovens da própria comunidade” (BUCO, 2014, p. 38).

⁵ Ao todo cinco escolas ofereciam ensino integral com interfaces em artes e meio ambiente (BUCO, 2014).

⁶ O Programa de Educação Tutorial é um projeto desenvolvido pelo governo federal, sob os auspícios do Ministério da Educação (MEC) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que apoia através da concessão de bolsas projetos e ações que contemplem o ensino, pesquisa e extensão. Cada grupo PET é composto por doze bolsistas e um tutor, que é um docente que supervisiona e orienta os projetos executados pelos discentes-bolsistas.

⁷ O grupo PET-Arqueologia foi criado por professores do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) em 2011, com um projeto que visava estudar aspectos da história de São Raimundo Nonato, considerando o centenário da criação daquele município e ainda o fato de que muitos outros pesquisadores já trabalhavam o período pré-histórico na região, onde estão situados dois importantes complexos de sítios arqueológicos, o Parque Nacional Serra da Capivara e o Parque Nacional Serra das Confusões. Atualmente, o PET-Arqueologia tem uma atuação bem mais abrangente, com projetos no campo da Educação Patrimonial, e voltados para o entendimento da história indígena na região Sudeste do Piauí. Ressalta-se que esse é o único grupo PET dentro de um curso de arqueologia.

⁸ Segundo IPHAN (2014, p. 36) são objetivos das Casas do Patrimônio: “Promover oficinas para estudantes, educadores da rede pública municipal e estadual centradas na interface Patrimônio e Educação, com a finalidade de que venham a atuar como multiplicadores desse novo enfoque”, e “valorizar ações educativas que promovam a interface entre as diferentes áreas e dimensões do Patrimônio Cultural”. De modo que a Casa do Patrimônio Serra da Capivara, conduzida pelo Escritório Técnico do IPHAN em São Raimundo Nonato, trabalhou em parceria com o PET-Arqueologia em ações de educação patrimonial em escolas nos municípios de João Costa, São Lourenço do Piauí e Bonfim do Piauí, todos no sudeste do Piauí.

fortalecimento de grupos, identidades e referências culturais tradicionais e marginalizadas, dialogando com a portaria IPHAN 137/2016 (BRASIL, 2016).

Na região conhecida como Território Serra da Capivara⁹, dentro da esfera acadêmica, observa-se uma arqueologia eticamente pensada, construída e executada por profissionais e estudantes, que dialoga com as comunidades, e que também contempla a perspectiva da educação patrimonial (MAGESTE *et al.*, 2017; VIEIRA, 2017). Este modelo que está em pauta no Sudeste do Piauí, deve ser registrado e analisado, considerando que rompe com os paradigmas estabelecidos entre a arqueologia e a educação patrimonial nas suas abordagens mais tradicionais.

Nessa conjuntura, o subprojeto do PET-Arqueologia “PET na Escola” visa levar a temática do patrimônio e da arqueologia para as escolas públicas de São Raimundo Nonato e municípios do entorno, construindo uma relação pedagógica aprofundada, capaz de explorar os diferentes caminhos que tais debates ensejam. E ainda, avaliar quais métodos se mostram pedagogicamente mais eficazes diante dos diferentes quadros que se apresentarem, observando a aceitação e adesão as atividades por parte dos diferentes públicos. O contexto que se apresenta aqui funcionou como uma experiência “piloto”, que após a sua implementação e avaliação poderá ser expandido para outras escolas locais e municípios circunvizinhos do Parque Nacional Serra da Capivara.

CONTEXTO DE ATUAÇÃO: A ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL NILZA BALDOINO, EM SÃO RAIMUNDO NONATO, TURMA DO 5º ANO

As ações foram desenvolvidas numa escola pública municipal chamada Nilza Balduino, localizada num bairro periférico da zona urbana de São Raimundo Nonato, sudeste do Piauí. Foram realizadas com uma turma do 5º ano do ensino fundamental, que contava em média com 23 alunos de 10 a 11 anos. A maioria pertencia ao próprio bairro da

⁹ Definição territorial que abarca além da área do próprio Parque Nacional Serra da Capivara os municípios Bonfim do Piauí, Capitão Gervásio Oliveira, Coronel José Dias, Dom Inocêncio, Lagoa do Barro do Piauí, São João do Piauí, São Raimundo Nonato, Anísio de Abreu, Campo Alegre do Fidalgo, Caracol, Dirceu Arcoverde, Fartura do Piauí, Guaribas, João Costa, Jurema, São Braz do Piauí, São Lourenço do Piauí e Várzea Branca (CODEVASF, 2006, p. 9). Fazem parte da área rural do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara as localidades Sítio do Mocó, Novo Zabelê, São Vitor, Caldeirãozinho, entre outras.

escola (São Félix) e a outros da vizinhança, como Caruaru e Aeroporto, sendo os estudantes, majoritariamente, pertencentes a famílias de baixa renda¹⁰.

O município de São Raimundo Nonato dispõe de algumas unidades públicas de ensino integral, mas esse não é o caso da Nilza Balduino, que, pelo contrário, possui uma estrutura relativamente precária, dividida em dois prédios e compartilhada com outra escola, que atende em horários alternados adolescentes em classes mais avançadas de ensino. Durante a realização das atividades de educação patrimonial poucos foram os equipamentos disponibilizados. Não havia computador, projetor, caixa de som ou salas adequadas para emprego de imagens projetadas e sons. Com exceção de uma quadra desportiva disponibilizada esporadicamente, as crianças não participavam de nenhum projeto social, ou de outras atividades extraclasses que pudessem complementar e auxiliar no processo de escolarização e socialização, excetuando-se eventos culturais esporádicos, como feiras, desfiles e festas juninas.

No que concerne ao poder público, não há qualquer incentivo à abordagem da temática do patrimônio arqueológico da região, significativo em nível mundial. É provável que o quadro constatado seja largamente recorrente nos municípios circunvizinhos ao Parque Nacional Serra da Capivara, tendo em vista que as políticas públicas são ainda menos eficientes¹¹.

Esse panorama pouco animador, mas profundamente desafiador, também justificou a escolha da Escola Nilza Balduino e o desenvolvimento desta pesquisa, com a inserção e diálogo da temática patrimonial com um público que proporcionou diversas discussões e contribuiu para a construção de conhecimento e experiências enriquecedoras.

¹⁰ Essa escolha ocorreu devido a afinidade no currículo escolar dessa série com os temas trabalhados, já que alguns livros da disciplina história costumam contemplar (ainda que superficialmente) temas como pré-história e arqueologia, o que não ocorre em outras séries do ensino fundamental.

¹¹ Podemos excetuar o município de Coronel José Dias, no qual segundo Rodrigues (2011), há no currículo das escolas públicas uma disciplina específica voltada para a discussão do Patrimônio Cultural local. O que podemos considerar uma iniciativa louvável dadas as discussões apresentadas neste artigo. Segundo Rodrigues (2011, p.107): “a secretaria municipal de educação (de Coronel José Dias – PI) junto com o corpo pedagógico e docente inseriu formalmente na parte diversificada do currículo municipal a disciplina PNSC: “Parque Nacional Serra da Capivara só ama quem conhece”. Mais uma vez o município dá um salto no pioneirismo, pois dos quatro municípios do entorno do Parque, este é o primeiro e único até o momento a inserir nos seus currículos a disciplina PNSC.”

ROTEIRO DE AÇÕES DESENVOLVIDO

As ações de educação patrimonial foram desenvolvidas em duas frentes: interventivas e consultivas/diagnósticas. Nesse contexto, os momentos de ordem interventiva foram compostos por ações implementadas em sala de aula e que visaram a transmissão/construção de conhecimentos acerca da temática do patrimônio histórico-arqueológico e cultural, ministrados e mediados por meio de palestras, jogos, debates e oficinas. Por sua vez, os de ordem avaliativa consistiram basicamente na aplicação de questionários que evidenciaram e sistematizaram tanto a existência prévia de conhecimentos relacionados às temáticas discutidas, como a sua absorção após a realização de uma atividade interventiva. Abaixo, no quadro 1, está descrito o roteiro de atividades/ações realizadas, bem como o número de participantes envolvidos.

Quadro 1. Roteiro de ações desenvolvidas e participantes

ENCONTRO	ATIVIDADE/AÇÃO	Qtd.participantes
1°	Apresentação do projeto “PET na Escola” e aplicação do 1° questionário consultivo (diagnóstico)	22 alunos
2°	Palestra introdutória sobre arqueologia e 2° momento avaliativo (jogo do labirinto)	23 alunos
3°	3° questionário consultivo, palestra sobre artefatos cerâmicos, oficina de manuseio de argila e 4° questionário consultivo	23 alunos
4°	Oficina de jogos: jogo da memória e jogo da onça e os cachorros	23 alunos
5°	Palestra sobre os maníobeiros, exposição de painéis fotográficos e 5° questionário consultivo	25 alunos
6°	Oficina do objeto afetivo e 6° questionário consultivo	22 alunos

Fonte: Autores, 2019.

Como podemos observar, exceto pelo primeiro encontro, todos os outros foram marcados por atividades interventivas e pela aplicação de questionários consultivos. Os questionários apresentavam quatro ou mais questões de múltipla escolha e/ou dissertativas. Essas atividades foram conduzidas por pelo menos quatro acadêmicos de arqueologia, bolsistas ou colaboradores do PET-Arqueologia, sob a supervisão do tutor do programa, e ocorreram em encontros quinzenais, com duração de 90 minutos, entre os meses de julho a outubro de 2018.

O desenvolvimento dessa metodologia está relacionado à necessidade de dialogar de modo mais aprofundado sobre a temática patrimonial do que abordagens pontuais comumente utilizadas em ações de educação patrimonial, desenvolvidas sobretudo no âmbito do licenciamento ambiental. Almejamos mensurar a efetividade das ferramentas utilizadas com relação à compreensão do público acerca das referências culturais abordadas, de modo a fomentar a construção de um roteiro básico de educação patrimonial, que pode ser adaptado de acordo com o contexto e adotado em outras escolas da região.

APLICAÇÃO DO ROTEIRO: DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS QUINZENAIS

Com exceção da oficina do objeto afetivo, as demais ferramentas utilizadas compõem outros roteiros de educação patrimonial, como os de Matos (2015), Santos et al. (2017) e Campos et al. (2018). Contudo, as ações aqui desenvolvidas foram adequadas ao contexto apresentado, a realidade social do lugar, e estiveram em conformidade com a profundidade que se pretendia dar nas discussões dos conteúdos. As temáticas abordadas nas palestras levaram em conta o patrimônio arqueológico regional, pautadas principalmente nas pesquisas arqueológicas na Serra da Capivara e na reapropriação daquele espaço em tempos históricos. Além das palestras, oficinas de jogos e exposição fotográfica de painéis de pinturas rupestres da Serra da Capivara foram construídas com as mesmas finalidades, dialogar com o patrimônio regional e, ao mesmo tempo, trabalhar a percepção da memória individual e coletiva, bem como mediar a construção de uma noção de patrimônio abrangente e socialmente contextualizada.

O primeiro encontro foi marcado pela apresentação do projeto “PET na escola” aos alunos e pela aplicação do primeiro questionário consultivo, que visava diagnosticar o conhecimento prévio que os estudantes teriam sobre temáticas e conceitos a serem debatidos nos outros encontros, e cujo resultado poderia apontar para a necessidade de mudar o planejamento inicial (ver figura 1). Ao todo, contava com dez questões que objetivavam revelar um pouco do contexto social e educacional em que os alunos estavam inseridos, assim como, possibilitar a observação dos conhecimentos e noções que eles detinham sobre arqueologia, patrimônio arqueológico, patrimônio arqueológico piauiense e patrimônio cultural.

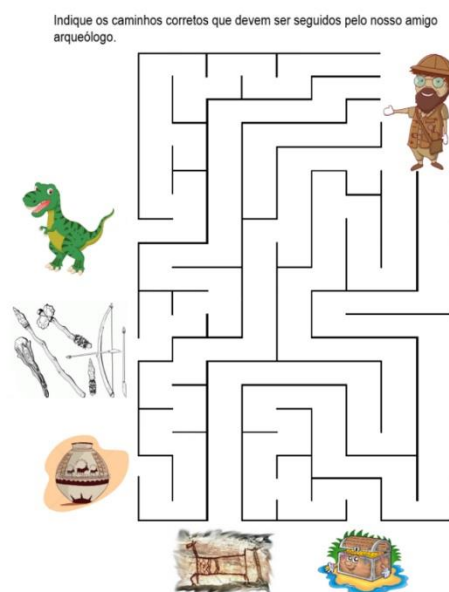


Figura 1. Ações desenvolvidas na Unidade Escolar Nilza Baldoino (a- 1º encontro, b- 2º encontro; c- 3º encontro; d- 4º encontro; e- 5º encontro; f- 6º encontro).

Fonte: acervo dos autores.

No segundo encontro aconteceu uma palestra sobre conteúdos arqueológicos, introduzindo a definição de arqueologia e sítio arqueológico, prospecção e escavação arqueológica e o trabalho do arqueólogo em laboratório; tipos de vestígios mais comumente estudados, como: vestígios ósseos, material lítico, pinturas rupestres e material cerâmico. Por fim, houve uma breve apresentação sobre o Parque Nacional Serra da Capivara e sua importância no cenário mundial, tanto com relação aos registros rupestres, quanto pelos indícios relacionados à antiguidade humana no continente americano. O objetivo desta ação foi familiarizar os estudantes com os temas e termos que seriam debatidos dali pra frente.

Nesse mesmo encontro aplicamos o jogo do labirinto (ver figura 2) para verificar se o conteúdo explicado tinha gerado alguma compreensão. O objetivo do jogo, desenvolvido pelo PET-Arqueologia/UNIVASF, é ligar o arqueólogo aos objetos relacionados ao seu ofício, ou seja, à pesquisa e estudo da cultura material relacionada aos grupos humanos. Também havia a possibilidade de conectá-lo aos estereótipos perpetuados pela mídia, como o de caçador de tesouros e de pesquisador de fósseis de dinossauros, tradicionalmente referidos equivocadamente ao trabalho arqueológico. A função dessa ferramenta foi justamente ajudar a desconstruir tais estereótipos e trabalhar junto às crianças uma definição mais apropriada do trabalho do arqueólogo. Assim como os questionários consultivos, o jogo do labirinto funcionou como instrumento de avaliação das intervenções educacionais, caracterizando-se como segundo momento avaliativo.



Figuras 2. Jogo do labirinto.

Fonte: Acervo dos autores.

O terceiro encontro visou discutir a produção da cerâmica, variações técnicas, sua presença em sítios arqueológicos e em contextos atuais, bem como os laços afetivos que as crianças poderiam ter com potes e vasilhas existentes na casa de parentes, muito comuns sobretudo nas áreas rurais do Nordeste. Foram desenvolvidos dois questionários, cada um com quatro questões, o primeiro foi aplicado antes das ações interventivas, e teve como objetivo realizar uma avaliação do conhecimento das crianças sobre o uso de vasilhas e outros objetos cerâmicos existentes nas suas casas ou de familiares; e o segundo

(avaliativo) foi aplicado posteriormente a realização das ações e pretendia mensurar a efetividade das mesmas. Após a aplicação do primeiro questionário, realizou-se uma palestra sobre artefatos cerâmicos, abordando suas diferentes características, contextos de uso, produção e simbolismo. A segunda ação interventiva foi uma oficina de produção de objetos de argila. Na ocasião, foram expostas duas técnicas de produção de vasilhas cerâmicas, a técnica de modelagem e a da roletagem, porém as crianças tiveram liberdade para expressar na matéria-prima quaisquer formas que desejassem. Por uma questão de segurança optamos por não realizar atividades de queima das peças modeladas, de modo que a oficina não contemplou todas as etapas de produção cerâmica e por isso não recebeu tal designação.

Embora oficinas como essa sejam uma prática bastante utilizada por educadores patrimoniais, há poucas publicações específicas sobre o tema. O trabalho de Santos e colaboradores (2017) dialoga em certa medida com a nossa abordagem. Os autores realizaram uma oficina de cerâmica durante o I Workshop de Arqueologia da UNESCO. Segundo eles, nessa atividade, “buscou-se um contato com a matéria-prima (argila) e com a técnica de confecção de vasilhames cerâmicos própria das populações ceramistas que viveram no litoral sul catarinense” (SANTOS et al., 2017, p. 49). Contudo, a oficina promovida por aqueles autores contou com a mediação de um profissional de artes visuais, de modo que a sua perspectiva buscou trabalhar uma concepção estética dos objetos, viés abordado em segundo plano na ação apresentada neste trabalho. A finalidade do trabalho de Santos e colaboradores (2017) foi a divulgação científica, por outro lado, buscamos promover uma sensibilização com relação ao patrimônio, aprofundando laços de memória que os estudantes pudessem ter com os objetos.

O mesmo grupo do Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS), da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), realizou dentre outras atividades de educação patrimonial, oficina de cerâmica com estudantes do ensino fundamental em uma escola municipal de Balneário Rincão (SC), no contexto do projeto de extensão “Arqueologia Pública no Extremo Sul Catarinense: incentivando os pequenos a valorizar e preservar o patrimônio” (CAMPOS et al., 2018). Os objetivos se assemelharam aos descritos por Santos e colaboradores (2017), proporcionar experiências lúdicas e práticas aos estudantes, por meio do contato com os materiais utilizados pelas populações pretéritas do litoral sul catarinense.

No quarto encontro, interagimos com os alunos por meio de uma oficina de jogos, onde trabalhou-se o jogo da memória e do jogo da onça e os cachorros cedidos pelo escritório técnico do IPHAN/PI em São Raimundo Nonato¹² (ver figura 3). O primeiro contava com representações de pinturas rupestres da Serra da Capivara, e o segundo, possuía uma formatação na qual o movimento das peças se aproxima ao do jogo de damas. O objetivo, entretanto, para quem está manejando os 14 cachorros é aprisionar ou encurralar a onça sem deixar que ela capture cinco cachorros, caso contrário, o jogador que estiver movendo a onça ganha.

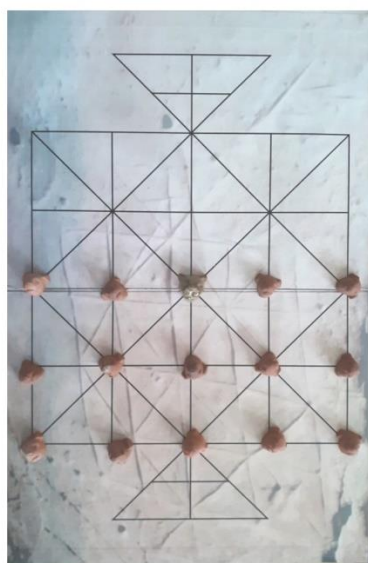


Figura 3. Jogo da onça e os cachorros.
Fonte: Acervo dos autores.

Para o quinto encontro elaboramos uma apresentação sobre os maniçobeiros que ocuparam a Serra da Capivara no Século XIX e começo do século XX: quem eram; o que é a maniçoba; como se dava a extração do látex; e um breve histórico da primeira fase e

¹² Segundo informações contidas na caixa do próprio jogo e comunicação oral da professora Ana Stela Oliveira, proferida durante a palestra Etno-história do Sudeste do Piauí durante o Ciclo de Exposições e Palestras do PET-Arqueologia, realizado no Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato-PI, no dia 1º de dezembro de 2017: “a onça e os cachorros” trata-se de um jogo de estratégia que faz parte da família de jogos do tipo “resta um”. Na Europa é conhecido como uma das variações do Jogo Alquerque. Na América, era jogado pelo antigo povo Inca. Na região do Parque Nacional Serra da Capivara, especialmente na Serra Branca, era muito popular entre as famílias de maniçobeiros. Os tabuleiros aparecem gravados em rochas dos sítios arqueológicos, se destacando nas Tocas: Igrejinha, Laura, Pedra Solta da Serra Branca, Povo da Extrema I e Pilão Maniçobeiro.

segunda fase do seu extrativismo¹³. Complementando essa atividade, foi lançado mão de painéis fotográficos que representavam as pinturas rupestres da região, as quais fizeram também parte do cotidiano das famílias de maniçobeiros que reutilizaram os abrigos rochosos, atribuindo-lhes, entre outras, a finalidade de moradia. Dessa forma, tanto o quarto quanto o quinto encontro estiveram direcionados para a construção de uma compreensão mais abrangente acerca dos contextos de ocupação do Parque Nacional Serra da Capivara, que embora bastante conhecido pela existência de pinturas rupestres e pelos indícios de uma das ocupações humanas mais antigas das américas, também esteve relacionado a extração da maniçoba, produto que teve grande valor econômico e social na região.

No último encontro, propusemos uma oficina do objeto afetivo¹⁴. Uma experiência na qual os alunos deveriam levar um objeto de valor sentimental, que tivesse marcado suas histórias de alguma forma. Certamente foi uma das formas mais interessantes de interagir, pois, estávamos conversando sobre uma materialidade pertencente a eles próprios, que de alguma forma fazia parte da sua identidade, valores e significações sobre o mundo.

O objetivo dessa atividade foi perceber como os alunos tinham atribuído um valor sentimental aos objetos, e que a mesma determinação de proteger e resguardar tais itens de qualquer mal, deveria ser atribuída aos objetos arqueológicos, que também são únicos, inegociáveis e não renováveis.

A maioria dos objetos levados eram brinquedos como bonecas, bonecos, piões e estilingues. Para aqueles que não levaram nada, conversamos sobre os adornos corporais (colares, brincos, pulseiras) que foram recebidos de algum membro familiar ou pessoa querida, o que aumentava ainda mais seu valor.

¹³ Segundo Landim (2014) o comércio da borracha trouxe grandes contribuições para a formação sociocultural, econômica e política da região. Esse movimento que teve início no final do século XIX e perdurou até a década de 1970, minimizou a crise econômica e demográfica instaurada com a primeira república, contribuiu para formação e permanência da identidade e memória coletiva sertaneja, e por fim, agregou valor no tombamento e na preservação da unidade de conservação do Parque Nacional Serra da Capivara pelas ocupações históricas em sítios arqueológicos de abrigos sob rocha.

¹⁴ Metodologia desenvolvida e utilizada na disciplina de Preservação Patrimonial IV (CARQUEOL/ARQL0057) e nos projetos do Laboratório de Preservação Patrimonial (LAPA/UNIVASF) coordenados pelo prof. Dr. Leandro Mageste (CARQUEOL/PPARQUE - UNIVASF).

As implicações destas ações, para escola e para os estudantes, demonstraram a importância de se desenvolver parcerias entre as instituições de ensino básico e superior, que podem fortalecer o processo educacional com a abordagem de temáticas fora do currículo tradicional, que também são relevantes para a formação dos cidadãos. Essas parcerias também representam ganhos para as instituições que promovem as atividades extracurriculares. Nesse caso específico, possibilitou-se, aos bolsistas que conduziram as ações, o amadurecimento para desenvolver atividades de educação patrimonial, já que a formação no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial não prepara os egressos para lidar com contextos de educação formal. Por sua vez, para o desenvolvimento e aplicação do roteiro acima exposto, houve uma preparação prévia para os bolsistas, composta por seminários de leitura dirigida, onde foram discutidos textos selecionados sobre abordagens didáticas relacionadas ao patrimônio, assim como foi de igual importância à supervisão do tutor do PET-Arqueologia, docente, licenciado, e com experiência no ensino básico.

QUESTIONÁRIOS CONSULTIVOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao todo foram seis momentos consultivos que somaram 29 questões mais o jogo avaliativo (jogo do labirinto). Para simplificar esse universo de dados, iremos apresentar e discutir somente as questões do quadro abaixo.

Quadro 2. Questões escolhidas.

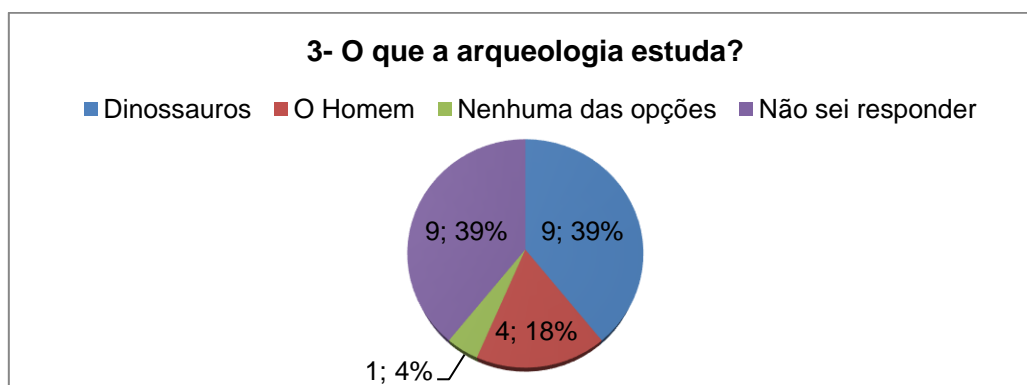
QUESTIONÁRIO E MOMENTO CONSULTIVO	PERGUNTA/QUESTIONAMENTO E ALTERNATIVAS
1°	3 - Qual o principal objeto de estudo da arqueologia? () Dinossauros; () O homem; () Nenhuma das opções; () Não sei responder.
2°	Indique os caminhos corretos que devem ser seguidos pelo nosso amigo arqueólogo. Dinossauro – Vestígios líticos – Vasilhame cerâmico – Pinturas rupestres – Baú de tesouro

5°	<p>2 - O que faziam os maniçobeiros?</p> <p>() Extraíam o látex; () Caçavam; () Desmatavam; () Criavam animais.</p>
6°	<p>2 - Quando você ouviu a palavra patrimônio qual a primeira coisa que vem na sua cabeça?</p> <p>(ver respostas no quadro 3)</p>
6°	<p>5 - O que achou das atividades aplicadas pelo grupo, quais achou mais divertidas e quais achou mais informativas?</p> <p>(ver quantificação para as respostas no quadro 4)</p>

Fonte: Autores, 2019.

Para o primeiro questionário escolhemos a terceira questão que perguntou ao alunado qual o principal objeto de estudo da arqueologia, 39% não sabiam, número igual aos daqueles que reproduziram o estereótipo do arqueólogo, cujas pesquisas destinavam-se para compreensão dos dinossauros; um aluno (4%) escolheu a alternativa – Nenhuma das opções –, e somente 18% acertaram ao marcar a alternativa que indicava o “homem” como o foco dos estudos arqueológicos.

Gráfico 1. Respostas para a pergunta “o que a arqueologia estuda?” - terceira pergunta do primeiro questionário consultivo.

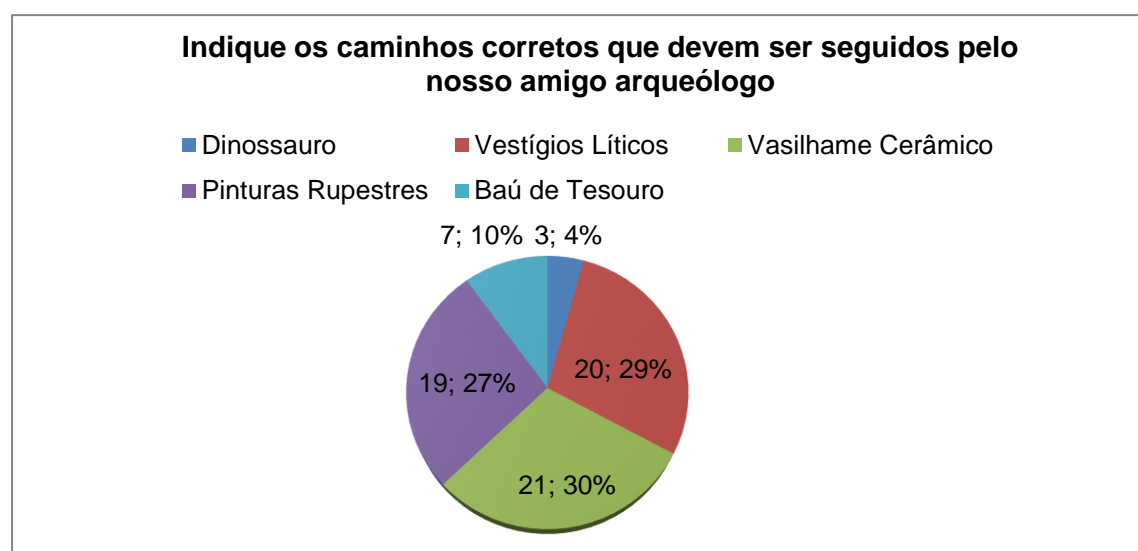


Fonte: Autores, 2018.

No segundo momento consultivo, como já mencionado, foi disponibilizado para turma o jogo do labirinto, no qual o estudante tinha como objetivo ligar o arqueólogo ao seu

ofício profissional. Na oportunidade, 23 alunos do 5º ano participaram da experiência, eles poderiam fazer três ligações que resultaram em 70 conexões. Foram feitas apenas três ligações do arqueólogo para o dinossauro, o que pode ser considerado um bom resultado, demonstrando que a primeira atividade teria contribuído para desconstruir quase que totalmente essa interpretação do senso comum. Por outro lado, sete participantes fizeram a ligação do arqueólogo com o baú de tesouro representando 10% da amostra, uma porcentagem considerável que colocava novamente a necessidade de discutir esse estereótipo com a turma, utilizando outros meios para esclarecer essa questão. Ao todo, o resultado desse experimento foi de 86% de acertos para 14% de erros.

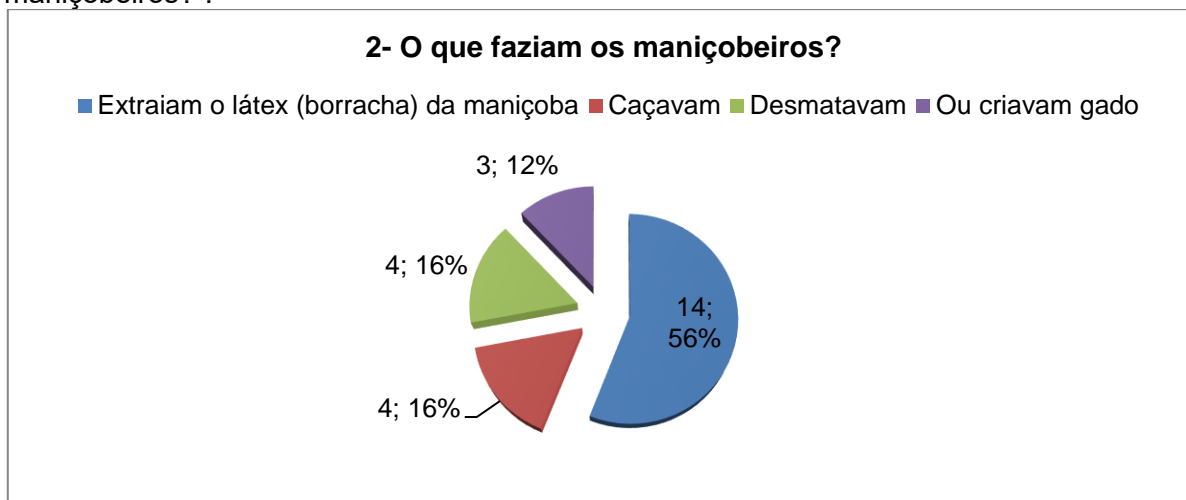
Gráfico 2. Indicativos do jogo do labirinto.



Fonte: Autores, 2019.

Com relação ao quinto questionário, na segunda interrogação, 56% das respostas concordaram com o que foi exposto em sala, no entanto, 44% optaram por alternativas que não foram enfatizadas nas ações. Apesar das atividades realizadas não enfatizarem a identidade dos manijobeiros como caçadores e fazendeiros, mas apenas como pessoas que exploravam os recursos naturais da região, os alunos optaram por tais alternativas que não estavam erradas, provavelmente entendendo que no contexto da Serra da Capivara sempre existiu uma tradição de caça e de pequenos proprietários de terra que baseiam sua subsistência pela pecuária e agricultura itinerante.

Gráfico 3. Gráfico alusivo à segunda pergunta do quinto questionário: “o que faziam os maniçobeiros?”.



Fonte: Autores, 2019.

No último formulário consultivo, pedimos para os alunos dissertarem sobre cinco questões, ou seja, alternando-se para uma abordagem qualitativa, capaz de testar a capacidade crítica dos estudantes, de modo a demonstrar que nossas ações não estariam favorecendo a simples memorização das respostas corretas. Com relação aos resultados do segundo questionamento desse formulário, na amostra de 22 alunos, dois não responderam e oito não souberam, no mais, obtivemos as seguintes respostas.

Quadro 3. Argumentos para o segundo quesito do último formulário consultivo: “Quando você ouve a palavra patrimônio qual a primeira coisa que vem na sua cabeça?”.

2- Quando você ouve a palavra patrimônio qual a primeira coisa que vem na sua cabeça?
Alguma coisa antiga
Uma coisa que você não deixa pegar
Uma coisa que é própria
Patrimônio cultural
Patrimônio é especial
Um patrimônio é como uma igreja, um esporte como a capoeira
Museu do Homem Americano

Patrimônio é uma coisa antiga que alguém deixou para você
Patrimônio é o que é especial para você
Uma coisa valiosa para você
Da Serra da Capivara
Patrimônio uma coisa própria

Fonte: Autores, 2019.

Do ponto de vista do (a) arqueólogo (a) que corriqueiramente está à frente de projetos de educação patrimonial na arqueologia preventiva, todas as atividades idealizadas e postas em prática são ações válidas e que vão ter um impacto no meio social das pessoas envolvidas, mas a solução para um problema tão complexo como o distanciamento da sociedade em geral com o patrimônio arqueológico exige mais do que apenas atividades interventivas e a opinião do profissional da arqueologia. Para uma pequena mudança acontecer, precisamos ouvir o outro lado da moeda, ou ao menos perceber as reações do público perante uma ação de educação patrimonial. Dessa forma, propusemos uma avaliação das ferramentas utilizadas nesse estudo de caso pelas respostas da quinta questão “O que achou das atividades aplicadas pelo grupo, quais achou mais divertidas e quais achou mais informativas?”. As respostas dissertativas não foram muito elaboradas, mas de forma simples demonstraram quais foram os encontros mais significativos e informativos.

Quadro 4. Respostas para o quinto quesito.

Encontro	Atividades interventivas	Números de respostas relacionadas ¹⁵	Porcentagens
4°	Oficina de Jogos	12	37%
5°	Palestra e exposição	6	19%
2°	Palestra e jogo do labirinto	5	16%

¹⁵ Obtivemos respostas que indicaram a preferência por mais de uma atividade interativa.

3°	Palestra e oficina	5	16%
6°	Oficina	4	12%

Fonte: Autores, 2019.

Como exposto no quadro acima, a oficina de jogos foi à atividade mais lembrada nas respostas com 37%, seguida pela palestra sobre os manjöbeiros e exposição dos painéis de pinturas da Serra da Capivara com 19%, palestra de introdução à arqueologia e jogo do labirinto 16%, palestra sobre cerâmica arqueológica e oficina de manuseio de argila 16% e somente oficina do objeto afetivo 12%. Pelo quadro apresentado, acreditamos que um encontro de educação patrimonial para a faixa etária abordada realmente deve primar por uma atividade explicativa e outra lúdica, sendo que os jogos chamam muita atenção para o público de crianças de 10 a 12 anos, tornando-se uma ferramenta indispensável.

Em média, 80% das respostas em questões de múltiplas escolhas foram condizentes com o conhecimento compartilhado nas atividades interativas, no entanto, esse índice não se manteve para as questões dissertativas. Em virtude disso, podemos voltar ao contexto de atuação e entender o lado do aluno, sendo que dissertar sobre a problemática arqueológica, com certo nível de complexidade, não é fácil, e se torna ainda mais difícil para quem estuda em uma escola pública periférica de um município do interior do Nordeste, com pouco acesso a leitura e outros incentivos educacionais. Segundo dados de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no estado do Piauí, o município de São Raimundo Nonato ocupa a posição 186° de 224° com uma nota de 3,8 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB nos anos iniciais do ensino fundamental na rede pública. No plano nacional, ocupa a posição 5240° de 5370° municípios, o que demonstra que os níveis da educação básica ainda não são satisfatórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo PET-Arqueologia, responsável pelo desenvolvimento deste projeto, está sediado no sudeste do Piauí, semiárido nordestino, região marcada pela existência de um dos maiores complexos de sítios arqueológicos do mundo: O Parque Nacional Serra da Capivara. Todavia, mesmo exibindo essa incomensurável riqueza cultural, a região sofre

pela falta de políticas públicas que possam garantir a sua preservação e também criar estratégias para sua exploração sustentável. É preciso que a riqueza trazida pela Serra da Capivara não seja apenas cultural, mas que gere emprego e renda. Contudo, essa escassez de políticas públicas não é uma exclusividade do patrimônio arqueológico. No ensino básico, aqui trabalhado, no qual as crianças, potenciais agentes catalisadores dos ideais preservacionistas, têm acesso apenas ao conteúdo curricular mínimo, outras práticas relacionadas a cultura imaterial, ou a cultura material sertaneja são igualmente desvalorizadas. Evidencia-se nas escolas públicas, portanto, a ausência de um currículo contextualizado, garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), que trabalhe a temática do patrimônio arqueológico, tão pertinente para a região.

Por meio da educação patrimonial, o grupo PET-Arqueologia tem colaborado para construir na população local o sentimento de pertencimento necessário para garantir a preservação, mas também explorado outros caminhos relacionados ao patrimônio, visando valorizar os patrimônios do cotidiano, para construir um entendimento mais aprofundado do conceito em questão. A aplicação do roteiro de ações aqui apresentado possibilitou aos estudantes familiarizarem-se com o patrimônio arqueológico regional, se aproximarem deste, de modo a se orgulharem da história do lugar onde vivem, contribuindo para a sua formação enquanto cidadãos. Dessa forma, trabalharam-se em todas as ações aspectos voltados para a memória e identidade cultural. Paralelamente, com as oficinas e demais ações, foram desenvolvidas nos participantes aptidões como noções de cronologia, diversidade e variabilidade cultural, economia extrativista; além de aspectos lúdicos como o manuseio da argila; e possibilitou-se o aprimoramento do raciocínio lógico, incentivado pela oficina de jogos.

A inexistência de um postulado que indique como deve ser feita a educação patrimonial atrelada à arqueologia, pode estar ligada a pouca profundidade do campo na arqueologia, onde a educação patrimonial tem sido considerada como um acessório à pesquisa, e não como parte de uma nova agenda da arqueologia (BEZERRA, 2010; SIQUEIRA, 2014). É por isso que, problematizar a aplicação de ações pontuais equivale a uma busca por uma educação patrimonial mais efetiva e ética nos diferentes contextos arqueológicos.

A educação patrimonial, em sua relação com a arqueologia, pode ser um importante mecanismo de ensino e aprendizagem, que possibilite não só a extroversão do

conhecimento arqueológico, mas também, ao educador/arqueólogo, fazer uma análise de como a disciplina está sendo vista, entendida, apropriada, sentida e utilizada por outros agentes sociais. Não é objetivo dos que lidam com este campo de atuação produzir uma revolução das práticas pedagógicas, mas devemos instituir práticas criativas de modo que as ações sejam voltadas para uma nova leitura das referências culturais, e que seja dada atenção a todos os bens culturais e seus diversos tipos de usufrutos. A educação patrimonial deve ser contínua e duradoura, encarada criticamente, para se tornar uma importante pauta de discussão e reflexão na agenda da arqueologia e da educação. Ela proporciona a socialização, compreensão, envolvimento, sensibilização, reconhecimento, valorização e preservação das nossas referências culturais, precisando ser vista como um processo dinâmico de patrimonialização, não linear, lógico e cartesiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, M. O Público e o Patrimônio Arqueológico: Reflexões Para a Arqueologia Pública no Brasil. **Habitus**, v. 1, n.1, p. 275-296, 2003.

BEZERRA, M. Nossa herança comum: considerações sobre a educação patrimonial na arqueologia amazônica. IN: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. (orgs.). **Arqueologia amazônica II**. MPEG; IPHAN; SECULT. Belém – PA, p. 1022-1035. 2010.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Portaria 137**. 2016. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf. Acesso em: 25/11/2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, Lei nº 9394, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9394.htm. Acesso em: 20/02/2020.

BUCO, C. A. O caso da Serra da Capivara, vinte anos de socialização do conhecimento através da arte-educação. **Revista ALTER IBI**. Vol. 1: 34-45. 2014.

CAMPOS, J. B. *et al.* Ações de educação patrimonial no extremo sul catarinense: incentivando a escola a preservar o patrimônio arqueológico. **Revista de Arqueologia Pública**. V. 12, n.1(20), p. . 2018.

CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba. **Plano de Ação para o Desenvolvimento Integrado da Bacia do Parnaíba**: síntese executiva: Território Serra da Capivara. Brasília: TDA Desenhos & Arte Ltda., 2006.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. Arqueologia Pública, considerações sobre um volume original. Apresentação. IN: FUNARI, P. P. A.; CAMPOS, J. B.; RODRIGUES, M. H. G. (orgs.). **Arqueologia Pública e Patrimônio**: questões atuais. Editora UNESC. Criciúma – SC, p. 13-15. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/sao-raimundo-nonato/panorama>>. Acesso em: 9/12/2019.

IPHAN. **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Brasília: Ministério da Cultura. 2014.

LANDIM, J. P. P. **Serra Branca dos maniçobeiros: um conjunto habitacional sob rocha que (sobre)vive na memória**. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014.

MAGESTE, L. E. C. *et al.* Território Serra da Capivara: conexões e sentidos do patrimônio cultural. Cap. 1 – Patrimônio. IN: OLIVEIRA, A. S. N.; ASSIS, N. P. D.; GALVÃO NETO, A. A. (orgs.). **Sentidos do Patrimônio: Parque Nacional Serra da Capivara: Comunidade São Vitor**. Teresina, PI: IPHAN, 2017.

MATOS, A. P. Educação Patrimonial: roteiro para ações educativas em escolas de ensino fundamental. In: FUNARI, P. P. A. *et al.* (orgs.) **Arqueologia pública e patrimônio: questões atuais**. Criciúma: UNESC. 2015.

RODRIGUES, M. H. **Parque Nacional Serra da Capivara e comunidade: Educação, Preservação e Fruição Social Um estudo de caso em Coronel José Dias, Piauí-Brasil**. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Tomar – Universidade de Trás-os-Montes e Alto dourado. 2011.

SANTOS, J. do *et al.* Divulgação científica e educação patrimonial em arqueologia: a experiência do I workshop de arqueologia da UNESCO. **Revista de Arqueologia Pública**. V.11, n.2, p. 43-65. 2017.

SIQUEIRA, C. M. B. **A Educação Patrimonial na Arqueologia Brasileira: um estudo de caso no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato - PI, 2014.

VIEIRA, B. V. F. **Era no tempo do coronel...”Eu não concordo muito com isso não!”: arqueologia pública e interpretações colaborativas sobre a “Fazenda São Victor”**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2017. palavras.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Direção da Escola Nilza Balduino, a professora Isabela, e aos bolsistas e colaboradores do PET-Arqueologia. Este trabalho contou com apoio institucional do MEC/FNDE, UNIVASF e IPHAN/PI.

Recebido em: 31/03/2020

Publicado em: 30/06/2020